

ILLUSTRACÃO CATHOLICA



D. Joao Evangelista de Lima Vidal

Ilustre Arcebispo-Bispo de Vila Real
e primeiro Prelado daquela Diocese

Braga, 18 de Fevereiro de 1928

DIRECTOR E EDITOR,
Joaquim Antonio Pereira Villela

NUMERO 311 — ANO VII

PROPRIEDADE DA EMPREZA
DA «*Illustração Catholica, L. da*»

Composta e impressa na UNIÃO GRÁFICA — Braga

Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

PORTUGAL :

Ano.	60\$00
Semestre	30\$00
Trimestre	15\$00

A cobrança feita pelo correlo tem o augmento da respectiva despeza

COLONIAS :

Ano.	64\$00
Semestre	32\$00
Trimestre	16\$00

ESTRANGEIRO :

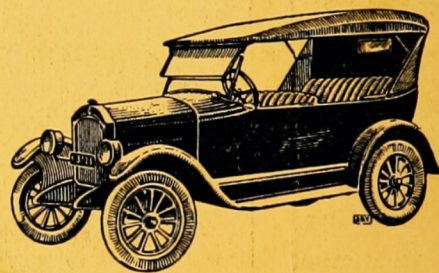
Ano.	80\$00
Semestre	40\$00
Trimestre	20\$00
Numero avulso	1\$50

Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á
Administração da ILLUSTRACÃO CATHOLICA — BRAGA

Telefone, 212

Automoveis e Camionetes

RUGBY



Os carros preferidos pela sua elegancia e modicidade de preços



STAND RUGBY

Avenida da Liberdade, 32



BRAGA

LIMA, FILHO & C.^A L.

Grandes Armazens da Caixa de Crédito Bracarense

Rua 5 de Outubro, 48 a 56

Telefone 31 (1.º andar)

:: BRAGA ::

Operações de Credito — Compra e venda de todos os artigos — Ourivesaria e Relojoaria
 Deposito de Maquinas de costura. Fazendas de lã e algodão, fato feito etc. Especialidade em CAPAS ALENTEJANAS

Tintos para Igreja

147 — Rua da Cruz de Pedra — 151

BRAGA

A mais antiga tinturaria de Braga, usando dos processos mais modernos, presta-se a satisfazer qualquer encomenda para tingir quaisquer objectos proprios para Igreja, tais como, paramentos, cortinados, etc. Tambem tinge vestidos de senhora e fatos para homem. Satisfaz qualquer encomenda pelo correio.

Pedidos a Manuel José Gomes, Sucessores



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA

— 88 —

Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º

Propriedade da Empresa «Illustração Catholica», Limitada

Braga, 18 de Fevereiro de 1928

Composta e impressa na UNIÃO GRÁFICA
BRAGA

Anno VII — N.º 311



JERUSALEM — Peregrinação à Terra Santa.

Grupo tirado aos peregrinos à porta da Basílica do Santo Sepulcro. Estão nele alguns sacerdotes portugueses.

CRONICA DA SEMANA

Ecos das viagens ministeriais.

Os ministros da República teem andado, estes últimos dias, numa intensa vida de trabalho. Em Lisboa apenas ficaram, retidos um por cansaço físico e precária saúde, — o das Finanças — outros por deveres mais instantes. A maioria do Ministério, — facto porventura único — dispersou-se pelo país fóra.

Sem entrar em discussões políticas, assunto naturalmente vedado a publicações desta índole, o cronista da «Ilustração Católica» entende dever registar o facto como sintoma do triunfo de uma ideia superior à das orientações e princípios da política. A do regionalismo, que progride.

Largo tempo houve no país a obsessão lisboeta. Não queremos mal nenhum à formosíssima capital lusitana, que o é merecida e justamente. Ela é a cabeça do país, por direito que nenhuma das suas irmãs lhe nega nem discute. Mas isso não impede que digamos tantas vezes que o país não é Lisboa, e outras bem diversas as condições, bem diversas são as necessidades e as aspirações de cada uma delas.

A costumes diferentes, devem corresponder diferentes leis, — tradução sempre do direito consuetudinário se hão-de corresponder ao bem comum, condição sem a qual não há lei, mas arbítrio. O grande erro dos modernos tempos não foi impôr leis constitucionais, que essas as teve sempre Portugal, até nos costumeiros anteriores à Monarquia. O grande erro foi querer impor uma só lei, inflexível, a todo o país, como se não fôsem tão diferentes os costumes e necessidades daqueles que pisam o asfalto aveludado da rua Aurea e dos que lidam nos aspérrimos trilhos do Larouco e do Soajo.

Importa, pois, auscultar o pensamento nacional dentro do seio ubérrimo da pátria pequena onde êle brota, irreprimível. Terão os senhores Ministros, nos seus passeios através de Portugal — e região não há onde estes dias não tenha passado algum membro do governo — terão os senhores Ministros ouvido bem esse sentimento nacional, identificando com a região as suas aspirações? Terão escutado a voz regional que erguendo alto a pátria pequena, dá o melhor contributo a que se eleve a grande Pátria?

De esperar é que assim haja sucedido, e de desejar é que assim seja.

A função coordenadora — que essa pertence a Lisboa, unificará os delicados matizes

de provincialismo, de aspiração local. Com tais propósitos, que os srs. Ministros tem, aliás, manifestado, pode realizar-se alguma obra aproveitável, porventura grandiosa,

*

* *

E enquanto o Governo se dispersa pelo país, para estudar assim necessidades e aspirações locais, e auscultar as provincias, estão em Lisboa, enviados de uma organização super-nacional, a Sociedade das Nações.

Trata-se dum empréstimo proposto por nós, e que a Sociedade aceitou em princípio, começando o estudo com prontidão e até delicadeza honrosa para Portugal. Os entendidos financeiros podem discretar sobre o assunto, pezar os resultados de progredimento que possam vir para o país dessa operação financeira.

*

* *

É árduo o assunto, e impróprio para estas páginas e para esta pena. Sem a ter de abandonar tal objecto, sempre queremos registar que na febre da vida até Braga se moderniza: O largo da Arcada vai transformar-se, e brevemente lá teremos uma marmóreo-bronzea fonte ornamental, de novas linhas architecturais. *Ça marche!* e perdoem o francês.

*

* *

E como epigrafamos «ecos das viagens ministeriais» as breves linhas desta crónica não queiremos deixar de lembrar ainda outro ministro, de mais excelso poder que é o de Cristo, e que voltou a Braga após o percorrer várias terras do Minho: — ao P. Matéus Crawley, já sabem nos referimos, que está em Coimbra neste momento.

Para realizar e trazer aos domínios da prática as devoções preconizadas por aquele sacerdote, reuniu no templo do Salvador, há dias, o escol do movimento católico da cidade, sob a presidência do sr. Arcebispo de Braga. Regista-se o facto na interligação que tem com os outros apontados: e é que ainda os princípios religiosos são a única base da solidez política.



HÁ quasi vinte anos dizia-me Rio Branco, essa excelsa e admiravel figura de diplomata, — que o Brazil parece esquecer receoso talvez dum confronto perigoso com os seus flamantes sucessores, — que o seu mais ardente sonho d'estadista consistia na união estreita dos interesses e dos destinos da sua america gloriosa. O pan-americanismo balbuciava apenas ante esse dique cycloptico de apertar no mesmo pensamento fraterno a diversidade das raças e portanto das aspirações desiguais.

Mas o diplomata insigne porfiava no seu intento e mais do que a America latina afim de raça e quasi de lingua, era a outra diversa portentosa patria de *San* que a sua lisonja calculada, metodicamente atingia. O fulcro da politica exterior brazileira gravitava em torno de *Washington* e o grande chanceler, obesecado pelo seu sonho que muitos e muitos olhavam com desamor, limitava-se, nos tratos da sua politica externa em face da Europa, a simples deveres de cortezania protocolar, procurando entretanto desenvolver junto da America do Norte, uma habil attitude de atracção. O Brazil desde essa epoca caminhou de mãos dadas com *Washington*, aproximou-se, intrometeu-se, enredou-se na malha dos negocios e desfiou o rosario dos interesses. Primeiro, cortesmente, excedeu-se em visitas, em saudações, em fortes provas de simpatia protocolar; trocaram-se brindes expressivos; as esquadras, buliçosos mas discretos *connis-voyageurs* das chancelarias, recusaram os mares, levando e trazendo saudações, as flamulas caracoleando as vento em acenos de amisade terna. Depois, mais abertamente, a atracção fez-se no campo dos negocios, na vasta arena das grandes operações e a possibilidade d'uma *entente* entre as variadas nações da America surgiu possivel no horizonte das grandes soluções internacionais. A vida interna das republicas da America Central complicou-se em desavenças e querelas, e o espirito latino, irrequieto, fegoso e ardente, deu expansão a turbulencias e dislates. *San* o velho arteiro, mirava desconfiado, atento; e, com certa malicia piscava o olho ao seu amigo longinquo.

Mas Rio Branco morreu; esse homem alto, forte, espadando onde o remoto sangue portugues explodia em bravura e magestade; esse homem que foi uma das grandes figuras mundiais da ultima metade do seculo XIX, que eu vejo ainda na sua elegancia romantica de côco cinzento *frack* preto, colete branco recusando sob uma gravata negra de se-

tim luzidio, uns olhos prescrutadores de miope faiscando genio atravez da luneta forte donde pendia uma estreita fita de seda preta, esse verdadeiro *gentleman*, que crusara os salões da Europa e surprehendera os lances das chancelarias, levava consigo para o segredo do tumulto o seu ardente e elevado sonho de patriota. E mais do que o sonho, nessa perda irreparavel para os destinos da grande nação irmã, sepultava-se para sempre, na estreiteza dum esquite, toda a mecnica complicada de subtilizas, da sua realisação, que flamejara nos meandros ardentes desse cerebro adormecido.

A guerra depois, atrahindo no mesmo ponto de vista as Americas, consolidava essa obra, fortificava impensadamente a realisação desse sonho admiravel, desbravava o campo vasto onde essa semente podesse um dia germinar, como se o espirito desse grande diplomata, viesse dos misterios insondaveis do Alem guiar os homens na esteira do seu pensamento dominante.

Anos, dias, deslisaram pela face do tempo e o pan-americanismo galgava as fronteiras das Americas, estreitava os homens no mesmo pensamento, unia-os na mesma forte solidariedade de interesses até ao dia de verdadeiro triunfo em que a velha Cuba, tinha a felicidade de poder reunir, sob a egide do presidente dos Estados Unidos do Norte na risonha e laboriosa Havana, os delegados de toda a America, num Congresso unico, para o estudo e solução dos mais altos problemas economicos e politicos.

A importancia desta reunião de tão grave e decisivo alcance para a economia do mundo, começa a preocupar seriamente as chancelarias e especialmente a velha Inglaterra detentora de toda a hegemonia comercial, seriamente ameaçada com esse novo bloco, que desde o inicio, marca ameaças e perturbações.

O sonho do grande diplomata brazileiro realisava-se emfim; pena foi, pena e crime, que as primeiras palavras dessa teoria de diplomatas, não tivessem sido de reconhecimento e de homenagem para essa grande figura.

Os mortos esquecem depressa; mas por um extranho poder inexplicavel, mesmo esquecidos mandam ainda.

José de FARIA MACHADO.

QUADROS DE LISBOA

○ sentimento do belo nas rendas de D. Shigail Paiva Cruz

A ilustre artista portuense D. Shigail de Paiva Cruz, veio a Lisboa, mais uma vez, realizar uma exposição das suas rendas, desta vez no salão da Propaganda de Portugal.

Arte, como um dom de Deus, uma fórmula de exteriorisar os seus sentimentos que também espêlham a sua bondade, a sua caridade, o seu amor a tudo que é português, da nossa terra, cantinho da Europa onde os raios de sol, sempre têm o riso do viço e da mocidade.

De uma vez, já há bastante tempo, a nossa exímia artista, disse-nos com uma voz cantante e suave, umas palavras tão simples, tão francas que jámais as podemos olvidar:

«Tentarei contar em rendas o que os nossos homens de letras conseguem descrever em frase e em verso,—os encantos artísticos a nosso formoso e lindo sempre amado Portugal».

Estas frases nascidas de uma mulher-artista e sobretudo portuguesas, indicam bem o caminho que traçara ao começar a brilhante série dos seus trabalhos e todos estarão lembrados da cópia da renda dessa notável janela do convento de Tomar, que despertou em tôda a parte um legítimo espanto não só pela ideia patriótica em si, mas pelo trabalho que representa, pela variedade dos pontos de agulha que tal modelo encerra.



Colcha Manuelina.

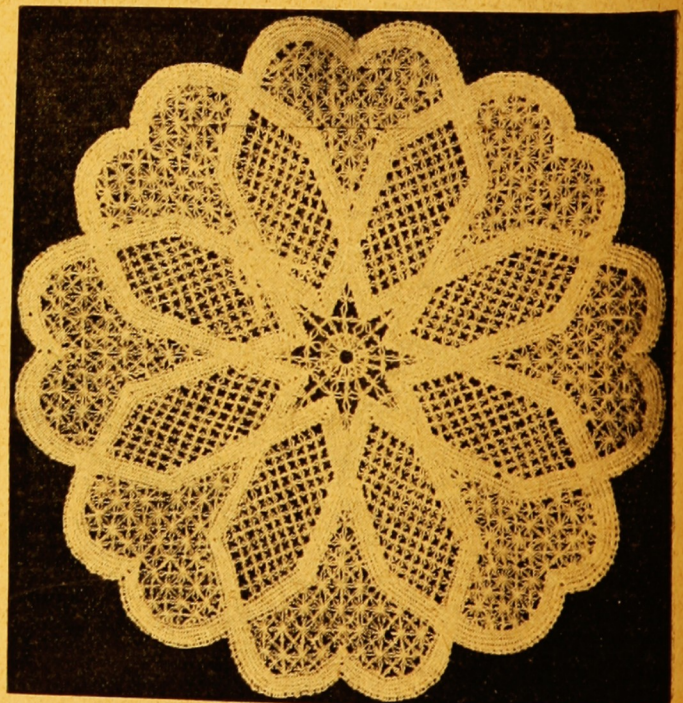
Falar dos trabalhos desta distinta senhora, é desabrochar no campo da arte nacional, as flôres mais mimosas da inspiração, dêsse dom que Deus concedeu a certas almas a fim de vaejarem nas regiões róseas de mais puro encantamento.

Se no estrangeiro podemos encontrar as rendas de Flandres, de Inglaterra, de Espanha, de França e de Veneza, o nosso Portugal possui as características *pautas* de Peniche, de Viana, de Vila do Conde e de Setubal, que palpitam, sob uma fórmula bela, dando-nos a nota mais sublime da vibração da alma portuguesa.

As rendas têm qualquer coisa de misterioso. As curvas das linhas, obedecendo a determinado fim, parecem agir como escravas à ordem da alma que lhes mostrou a senda florida da sua inspiração.

As rendas de D. Shigail de Paiva Cruz, são páginas idiaes de sentimentalidade da nossa Raça.

Senhora, intensamente católica vê a



Renda artística

Ramalho, descreveu na sua sugestiva frase tal janela, sendo uma das páginas mais

brilhantes do seu livro *O culto da Arte em Portugal*, pois a renda de D. Shigail, parece uma ilustração do notável escritor, nos burilados versos a comentarem a ideia artística, um verdadeiro hino à ideia cristã que a janela contem.

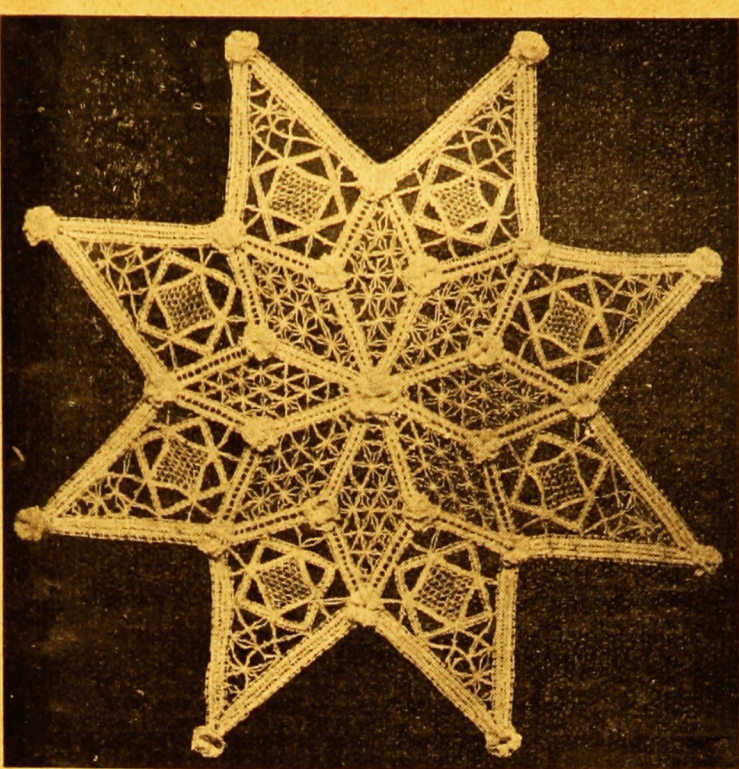
Quedamo-nos nesta exposição horas esquecidas a admirar-mos tais trabalhos.

Na semi-obscuridade os salões, as rendas, pareciam documentos palpitantes do que existe de mais íntimo no rosário infinito do nosso sentimento.

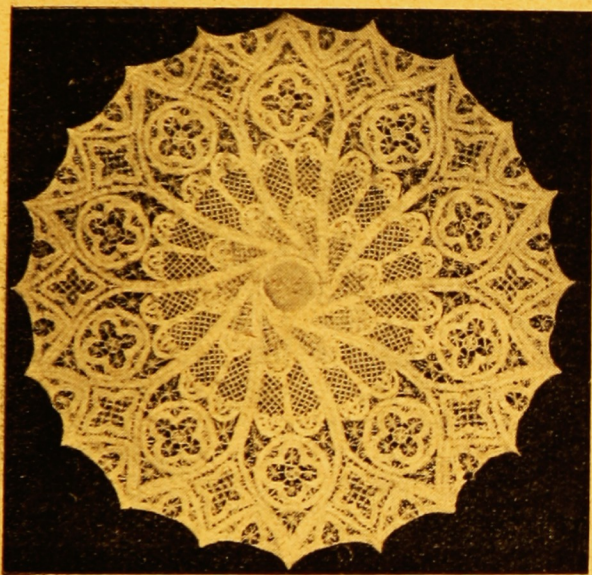
As rosácias de Santarem, de S. Francisco (Porto), da Sé de Lisbôa, de Reins, de Burgos, a colcha Manuelina, os lenços, os leques, os reposteiros brazonados etc., etc., são tais trabalhos de alta beleza, onde marca bem claramente o talento da nossa grande artista.

As suas rendas em Paris, causaram admiração, pena é que não sejam vistas nos outros países e especialmente nas américas.

O bom nome das nações também vive do apostolado das nossas artistas e D. Shi-



Aplicação artística.



Rosácea de Santarem

gail de Paiva Cruz, é a melhor trovadora para levantar o nome artístico de Portugal!

Lisbôa — Fevereiro.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

Montserrat

Um rincão notabilíssimo da Espanha Católica, é o templo, convento e serra de Montserrat, domínio de N. Senhora desde tempos imemoriais e um dos centros de peregrinações mais celebrados, ainda antes mesmo de regularizada essa forma de devoção popular. A imagem da Virgem, enegrecida pelos séculos, é, por seus traços escul-

tóricos, românica. Arquitectura românica existe ali também em capelas como a de S. Cécilia, deveras interessante.

O primitivo templo entalado em abruptos rochedos, é também românico, e acrescentado com mais sumptuosas edificações. Para o comodo dos peregrinos foram construidos aposentos no sopé de outro massiço de rochas, a que se vieram juntar hotéis muito bem instalados, com tôdas as exigências do turismo moderno.

Primitivamente a serra era ocupada por treze monges que viviam, dois, o abade e sacristão, junto ao templo principal, e cada um dos outros em sua ermida, isolados. Nas revoluções liberais se extinguiu essa primitiva organização. Verdagner, o inspiradíssimo mestre do *gay-saber*, poz nos lábios da Virgem esta sentida lamentação a êsse propósito:

Porti corona de dotze estrelles
Las habitavan tretze hermitans ;
Desde la terra sembrau petites
Desde la gloria sembravan grans.

Una a la una me las han presas,
Las dotze perlas de mon collar ;
Las dotze lampas per Deu encesas
Ay ! ya non creman en mon altar !

Mas a Ordem Benedictina ressuscitou em pujante florescência a primitiva organização, reacendendo as dose lampadas que Deus acendera no altar da Virgem, coroando-a novamente com o diadema de dose estrelas, que Verdagner cantara. Montserrat está ligado ao movimento novi-litúrgico, pois foi a sede do primeiro grande congresso dessa salutar renovação.

... **E** começou a escrever, sem hesitação ou rasura, os últimos versos do seu poema de amor, — dos versos que os olhos dela lhe tinham ensinado...

Era a ultima quadra: e dedicara-a (que nem sempre os ultimos são os primeiros), a sua Mãe.

«Este meu doce e claro poema seja
Puro como as auroras!
— Possa leval-o minha Mãe à igreja
Entre as folhinhas do seu Livro de Horas!»

Ergueu os olhos do papel. Sobre a secretaria, encostado à jarra onde agonisavam lentamente duas camélias brancas raiadas de sangue, o retrato velhinho de sua Mãe velhinha, olhava com meiguice.



Barcelona — Os sobreviventes da guerra de Cuba, (1869) que foram colocar uma coroa na campa do coronel Felici.

A tarde, que fôra de oiro e purpura, desmaiava agora; e a sua luz indecisa parecia coada atravez de um cortinado de violetas.

Releu a quadra. Releu, em pensamento, o comovido poema que ela, a sua Senhora absoluta — sua mais que Rainha! — arrancara ao seu coração.

Trabalhara-o em horas de febre e de deslumbramento — cada minuto um verso! —; e queria-lhe muito. Mas, agora que o completara, afigurava-se-lhe banal e inutil.

Os ultimos versos, os unicos que o salvariam, vieram perdê-lo.

«— Possa leval-o minha Mãe à igreja
Entre as folhinhas do seu Livro d'Horas!»

Profanação!

Poisou a cabeça sobre a secretaria, agoniado. Os seus versos não interpretavam a sua alma nem satisfaziam o seu anseio de perfeição. Escrevera-os simplesmente para os ouvidos dela, para ela cantar ao som do violino pérfido...

! Eram demasiado humanos. Faltava-lhes essa nota peregrina, eterna, — essa asa fluido e alta que nos transporta para além do que somos...

*

Subito, no salão de frente — cujas janelas iluminadas rasgavam o crepusculo — soaram os acordes soluçados de um violino. As notas subiam num queixume inexprimível, numa carícia perturbadora, — para logo morrerem numa agonia lenta, *smorzando*. O *Trobador* desiludido que expirava sob as janelas da *Signora*!

Depois — silencio e treva. Uma gargalhada argentina cortou a noite, atravessou-a como punhalada...

— «Possa leval-o minha Mãe à igreja
Entre as folhinhas do seu Livro de Horas!»

*

O tempo esfriara. O velho creado entrou, pé ante pé, olhando com respeito e tristeza o meu poeta estranho.

— Acendo o fogão, meu senhor? — rompeu alfim, a medo.

— Pois sim...

E enquanto o velho servo acendia o carvão, folheou nervosamente as tiras de almalço onde negrejavam os seus versos. Sem os vêr, sem os lêr...

O servo retirara. Rompia de novo, lá fôra, enchendo a noite, o soluçar misterioso do violino.

O poeta levantou-se. Em seus olhos ardia um clarão de febre; e cravou-os no braçido... Porque não havia de queimar o seu poema incompleto, inutil?

...E, friamente, sem uma hesitação, lançou ao fogareiro os versos lindos que elle ensinara, que ella não merecia... Uma lingua de fogo elevou-se, iluminando a sala.

O meu poeta estranho quedou-se, de braços cruzados, ante o sacrificio enorme; depois, estendendo os olhos arrasados para o retrato velhinho de sua Mãe velhinha, soluçou:

— Mãe! perdôa.... Os dois ultimos versos eram teus; e eu não tinha o direito de destruil-os...

Teixeira Pinto.



HENRIQUE LUSO
Distinto poeta e jornalista

Tela Campeзина

(Inédito)

Bateram já há pouco Ave-Marias...
Pastando no lameiro ainda o gado
Arrepiam-se as fôlhas do silvado
E vôam, chilreando, as cotovias.

A hora natural das nostalgias...
O monte tem um tom esverdeado...
Há um cheiro de môsto pelo prado...
Começam do Outuno os curtos dias...

Mas um boi, pachorrento e cabisbaixo,
Vai beber, além mesmo, no riacho
Que corre, mansamente, lá ao fundo...

Escorre-lhe da bôca um fio de água...
E fica de olhos tristes como a mágua,
A pensar nas desgraças dêste mundo...

HENRIQUE LUSO.

CONFÔRTO

(em uma página da Imitação)

Há nos teus olhares
a triste expressão
de grandes pesares
no teu coração.

Tua meiga voz
chega a meus ouvidos
num delírio atroz,
em ais doloridos...

Vás por onde fores,
prende-te a cadeia
de mágoas e dores
de que a vida é cheia.

E o pêso da cruz
mais se há-de sentir,
se quem a conduz
lhe quiser fugir.

Mas leva contigo
êste livro raro :
— o melhor amigo
para teu amparo.

Nestas fôlhas fora
sempre hás-de encontrar
cânticos de aurora,
brilhos de luar.

Nalma sentirás
divinais prazeres
de amor e de paz,
quanto mais o leres.

Por escuros trívios
que venhas a andar,
celestes alívios
te hão-de consolar.

Verás dos espinhos
de inclementes dores,
pelos teus caminhos
desabrochar flores.

P.^o SILVA GONÇALVES.

Peregrinação Nacional a Jerusalem

(Agosto de 1927)

Sob a direcção de Mgr. Potard sai duas vezes por ano, em Março e Agosto a Peregrinação Nacional de S. Luís, visitando Nápoles, Pireu, Atenas, Constantinopla, Smirna, Rodes, os lugares históricos da Terra Santa e o Egipto. As gravuras referem-se à de Agosto do ano passado em que tomaram parte dous sacerdotes de Braga, Rev.^{os} P.^{es} Antonio Joaquim Lopes Junior e Manuel José Lopes. A proxima sairá de Marselha em 7 de



Peregrinação à Terra Santa — Excursão em Camelo às pirâmides do Egipto.



Peregrinação à Terra Santa — Excursão no Egipto.

Março e estará de volta em 18 de Abril.

O nome de Mgr. Potard, conhecido em todo o Oriente, é uma garantia segura de boa organização, economia, a par dum desinterêsse difficilimo de encontrar em nosso tempo.

O clero, principalmente, lucrará imenso com tal peregrinação, pois não voltará a ler página alguma do Evangelho sem que logo lhe venha à imaginação o aspecto dos logares, as distancias, as imagens

variadíssimas que lhe servem de incentivo poderoso para melhor se aplicar à leitura da vida de Cristo. As impressões ali recebidas nunca mais se desvanecem.

A secretaria da Peregrinação é na — 25, Rua Jean Dolent. Paris (XIV).

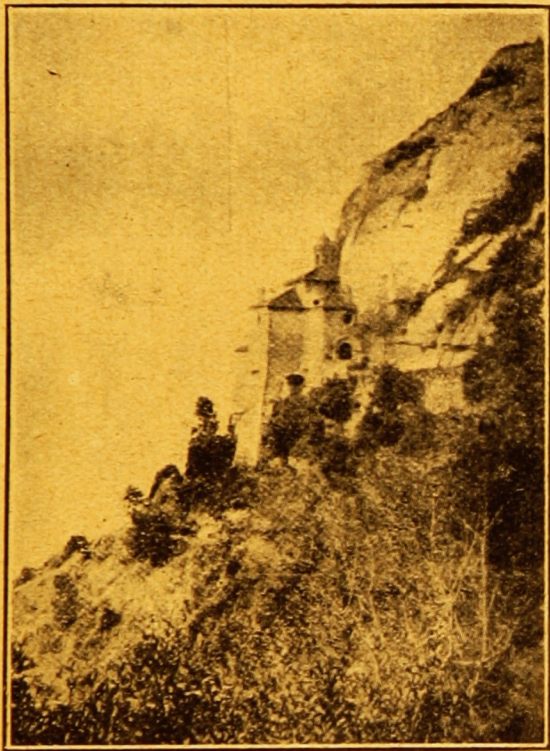


Peregrinação à Terra Santa — O Jardim das Oliveiras ou Gethsemani.

RELIGIÃO E PROGRESSO

ES aqui dois termos que é banal contraporem-se; mas não menos o é (dentro do autêntico escol da intelectualidade hodierna) a sua harmónica e necessária integração.

Ora, como a publicação gráfica é hoje o melhor e mais frutificante meio de difusão de



MONSERRATE. — O primitivo frontispício da basilica.

princípios e ideias, vou tentar fazer um excuro sintético sobre a história das relações que a religião manteve, dentro do século passado, com o progresso que efervescentemente nele se realizou, e de seguida mostrar o aspecto que elas revestem hoje e ainda como, de futuro, deverão coexistir com vantagens recíprocas.

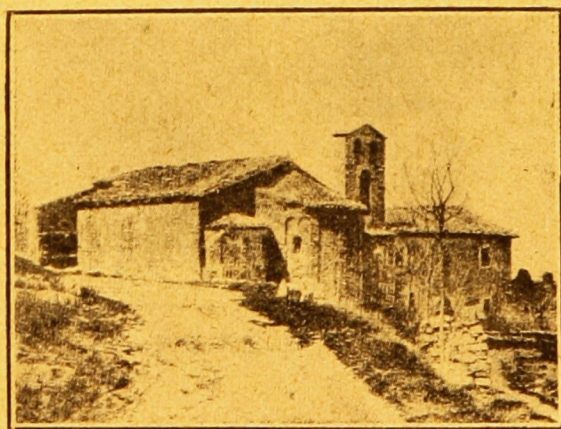
Relevem-me, pois, os leitores mais cultos neste assunto de impreterível importância a reedição, quiçá fastidiosa, de algumas verdades que, para a legítima salvaguarda dos sublimes princípios da nossa Fé e também para honra da própria Ciência, a mais fina nata da hodierna mentalidade europeia dignamente formulou, tendo em vista os direitos imprescritíveis da Razão e a tangível lição dos factos, contra a estúpida confusão que soia fazer-se das ideias cujos termos servem de epígrafe a este desprezioso arrazoado.

* * *

Quem falasse de religião, dentro de certos meios intelectuais, no pretérito século de oitocentos, era sempre com o intuito declarado de a opor, como falida na sua doutrina e nas suas promessas, aos incontestáveis progressos materiais que o homem levava a efeito pela aplicação aos usos da vida das mais exactas teorias que a sciência especulativa tinha atingido, observando e experimentando, acerca da natureza física que nos cerca.

Então zombava-se da Igreja com mais ou menos chiste, apontando-se com prazer a sua imutabilidade, flagrantemente contrastante com o dinamismo que levava o mundo para as mais fantásticas condições de existência. O mundo pertencia à Ciência, a única divindade que se fixava definitivamente, não através de lendas, que o racionalismo tinha desfeito, mas através do facto tangível, para redimir para sempre e dum modo efectivo, a humanidade soluçante de dor e esfomeada de verdade verificável, como que defessa da fé em que tinha cristalizado, havia tantos séculos, o seu pensamento verrumador do mistério.

Com efeito, os caminhos de ferro encurtavam as distâncias através de formidáveis túneis e gigantescas pontes; o telégrafo servia idealmente o inter-cambio mental; a industria progredia a olhos vista pela rapidez da produção, alcançada pela feliz mecanização dos seus processos; a vida alargava-se



MONSERRATE. — Templo românico de Santa Cecilia.

em sensações crescentes, que se procuravam com avidez.

Assim se foi criando a ideia do progresso

necessário com um carácter rigidamente dogmático. A Sciência havia de tudo explicar, tudo desvendar, eliminando o mistério profundo em que tudo existia e vindo um dia a substituir plénamente o velho ideal religioso. Criou-se a religião da Sciência, que, segundo Comte, fazia entrar a Humanidade na fase positiva. Mas, como a Sciência coexistia com o homem, era lógico que este se tornasse o alvo da nova fé e se viesse a estabelecer a religião do homem pelo homem. O nosso Eça caracteriza muito bem esta fase da evolução humana, em que a França teve parte operosa, com dizer que a única divindade que era preciso adorar era a Sciência.

Hugo espalhou em versos inflados de ênfase o Advento da Nova Era, em que o homem conseguiria além libertar-se da inexorável sentença genesiaca e estabeleceria através duma luta incessante o seu reino sobre a terra, passando do miserável escravo que tinha sido ao invencível senhor que havia de ser.

E isto chegou a Portugal e encontrou entusiástico acolhimento na celeberrima geração coimbrã de 1865, pontificada por Antero de Quental. Ao idealismo próprio dos temperamentos juvenis que se imolam a Minerva vinha juntar-se a cálida lufada da «Légende des Siècles», o irresistível interesse das rea-

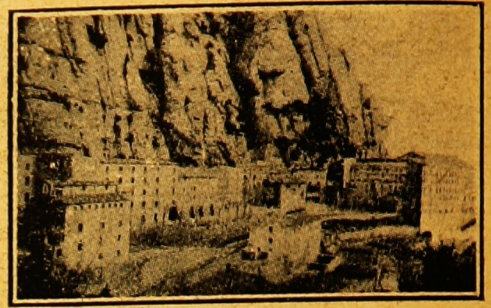
MINHO MONUMENTAL



Matris de Caminha.

lidades sociais finamente esquadrihadas pelo olho de Balzac, a romântica reconstrução histórica de Michelet, a suggestionabilidade das mil teorias bis-psíquicas, etc. O ateísmo começou de ser declarado pelo romance, pela poesia, pela imprensa e pela conferência.

Não havia que duvidar. A Sciência usurpava os legítimos direitos do dogma católico, estendendo ineptamente, numa esperança cheia de estultícia, as suas conquistas, meras relações do que é sensível, ao domínio preternatural, e assim já se ambicionava o poder de vir a fazer milagres com o aperfeiçoamento dos processos da nova espagíria,



MONSERRATE. — Os aposentos para os visitantes.

podendo então operar-se a ressurreição de todos os que haviam sido vítimas de ocultas forças da Natureza, para sempre desvendadas e compreendidas e manejáveis, para glória da Humanidade!!!

* * *

A Sciência tinha chegado, através duma aliás interessante laboração, a estabelecer justamente algumas leis física-naturais, verdadeiras sínteses que permitem comodamente ao homem apossar-se da matéria inorgânica e orgânica e no que interessa aos fenómenos que fatalmente se realizam numa e noutra. Como criança que ávidamente estende as mãozinhas para tocar tudo o que vê, impelida pelo instinto sensorial, e que, mal toca, julga tudo possuir, assim a Sciência (tomada aqui, como noutros passos, no «strictu sensu») julgou ingenuamente possuir a Verdade descobrindo a constante repetição de certos fenómenos, de cuja exacta compreensão podiam advir os melhores benefícios para a vida social. O que logo seduzia o espírito era aplicar os mesmos processos, para obter os mesmos resultados, às complexíssimas sciências morais, em que a consciência individual tem preponderância decisiva.

Isto quer dizer que, assim como tinham sido resolvidos em fórmulas chamadas leis os fenómenos físicos da queda dos corpos, do calor, da óptica, da electricidade, do magnetismo, e os químicos da composição e decomposição (de análise e síntese) e de reacção dos corpos, do mesmo modo se pretendia chegar a idênticos resultados quanto às produções da Arte, aos fenómenos sociais na sua ininterrupta continuidade e aos sedutores fenómenos das obscuras sciências psíquicas.

Surgiram logo homens como Taine, Brunetiere, etc., que se impuseram a tarefa de aplicar o espírito científico às produções do espírito humano, até então estudadas metafisicamente. Com efeito, Taine propôs-se

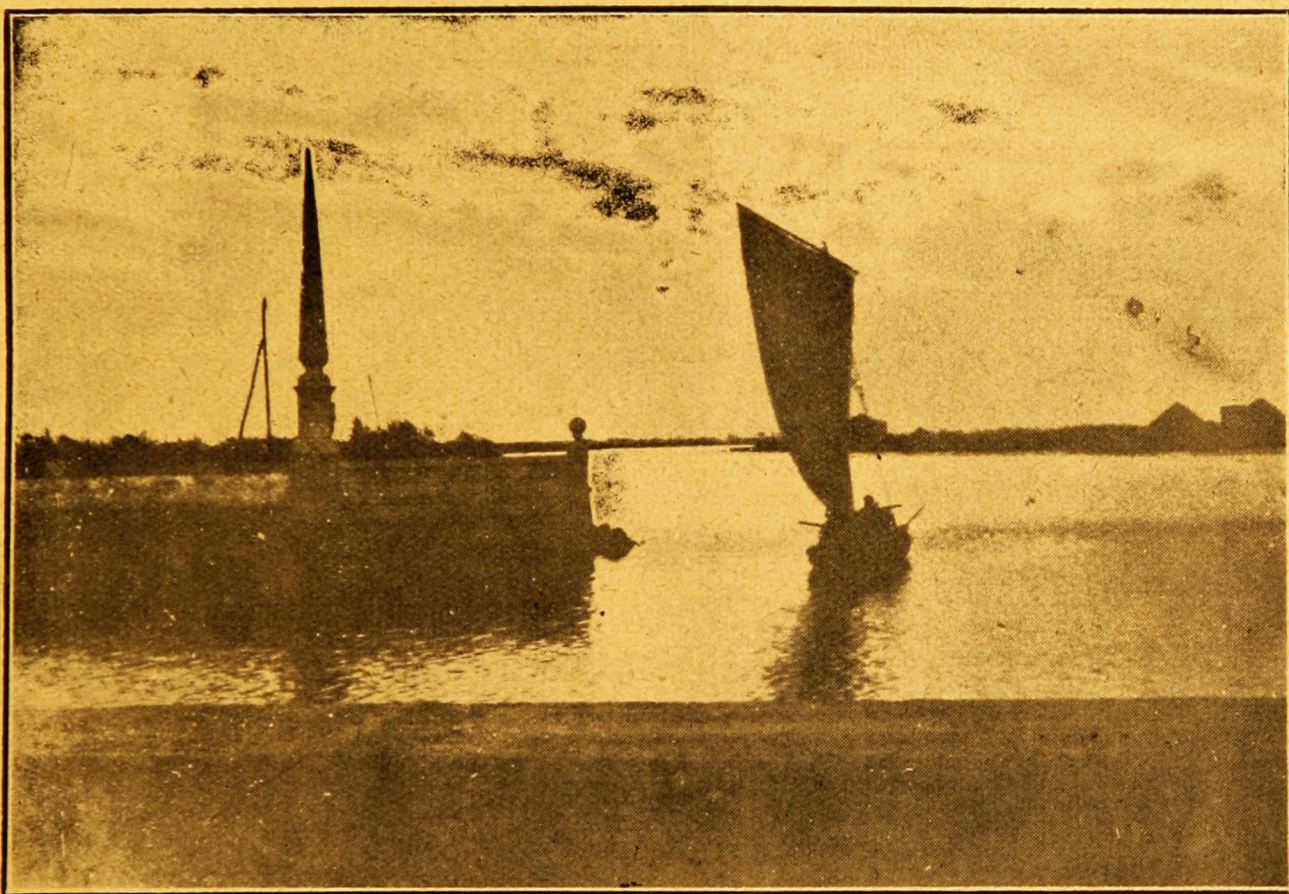
estudar a Revolução francesa, do mesmo modo que um ontomologista estuda as metamorfoses dum insecto!!!

Brenutière tentou objectivar a crítica literária até o ponto de a converter numa sciência de leis de repetição constante!!! Tentativas, tudo foram tentativas ingénuas que em breve vieram provar aos seus autores, aliás robustos talentos, a dolorosa falência do Positivismo.

De facto, as sciências morais resistem à resolução dos seus fenómenos intrincadíssimos em leis de repetição constante. ¿ Como

gência humana! A falência estava, pois, irremediavelmente aberta. Faltava, como era de esperar em espíritos do valor intelectual do de Taine e Brunetière, o sincero e contrito «mea culpa». E elle veio.

Taine, compreendendo altamente o lôgro da Sciência bradou cheio de sinceridade, tamanha como o seu talento: «A minha geração findou». Brunetière abjurou, por imperiosas solicitações do seu profundo espírito crítico, a fé científica para confessar abertamente a fé católica. E até Renan, o historiador (menos profundo que hábil) das Ori-



AVEIRO. — O pôr do sol na ria.

formular leis históricas, se o fenómeno histórico é na essência particular, portanto irrepetível? ¿ Como sintetizar as variadíssimas manifestações da Arte em leis, se elas implicam na sua íntima elaboração a consciência de cada indivíduo, que a si apropria as correntes estranhas? ¿ Como comprimir em fórmulas restritas os nossos sentimentos, avaliar a medida da nossa inteligência innata, imagem do Ser Infinito, resolver o problema do livre arbítrio, explicar a nossa personalidade, estupenda síntese dos problemas anteriores?

O' tempora... Até que ponto a sciência experimental tinha escravizado a inteli-

gens do Cristianismo, cantou a palinódia nesta sua declaração; «Repousa agora na tua glória (referente a Nosso Senhor Jesus Cristo, cuja divindade elle tentou negar), nobre iniciador. Não receies ver desabar por um erro o edificio erguido pelos teus esforços. Dórvante assistirás do alto da paz divina às conseqüências infinitas dos teus actos. Por milhares de anos o mundo vai depender de ti. Entre ti e Deus não haverá distinção. Plenamente vencedor da morte, toma posse do teu reino, onde te hão-de seguir pela estrada real que traçaste longos séculos de adoradores.»



BACIA — (Aveiro) — As margens do Vouga

A Fé tomava nas almas cultas novo alento, libertando a inteligência e dando ao sentimento uma legítima expansão. A' literatura realista sucedeu uma literatura espiritualizada, a que o «Roman Russe» do Conde Melchior de Vogüé dera um feliz início. E até o nosso Eça, que tinha traduzido melhor que ninguém, pelo romance, o realismo francês, applicava o seu verbo ático, à idealista construção dos santos das suas «Últimas Páginas».

* * *

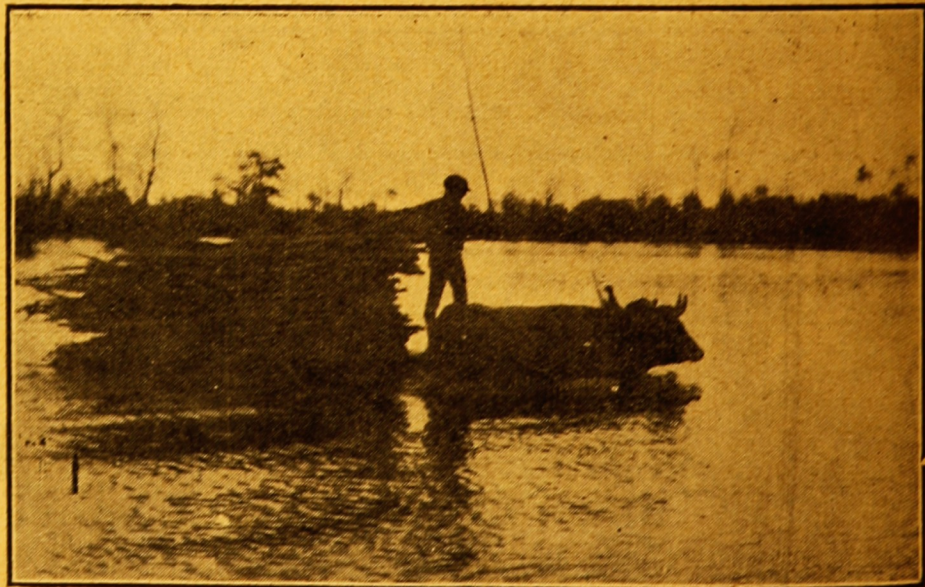
Nunca é demais repetir estes factos, uma vez que ao materialismo das ideias, para ser morto, sucedeu o materialismo dos costumes, que a onda incessante do Progresso tende a agravar.

O progresso é necessário, é mesmo fatal para os entes contingentes; mas o que é preciso é moldá-lo na moral cristã, porque a sociedade só atinge o tão desejado e nunca realizado equilíbrio, no que consiste o máximo progresso humano, pelo cumprimento tanto quanto possível integral dos deveres que a consciência moral vai necessariamente opondo aos direitos que a civilização cria, alargando a vida. Ora a Sciência é impotente, como vimos, para dar uma moral ao homem, porque ela, recordemos, não diz tudo o que é, nem, juntemos, diz como deve ser. É essencialmente amoral (e quantas vezes imoral!). Só a Igreja Católica pode dizer ao homem que deve proceder conforme a Lei que Deus gravou primeiro na consciência de cada um,

mesmo modo que ideologicamente se chegou a integrá-la duma maneira harmónica no espírito científico.

Urge renovar o nosso teatro, criando um teatro católico, de reconstrução social, por tal forma que saíamos do espectáculo cada vez mais decididos no propósito que tomáramos no templo, pela exemplificação plástica dos princípios doutrinários.

É necessário elevar o nível estético dos nossos bailes, criando ou fazendo reviver danças que eduquem o espírito, de modo que esses divertimentos sejam lições tangíveis de beleza que, integrando-se na vida moral, levem à compreensão da existência de uma beleza absoluta. Só se assim se conseguiria dessensualizar esses passatempos, desanimalizando-os. Não dançava o rei Da-



BACIA — (Aveiro) — Atravessando rio.

vide, arrebatado pelo amor de Deus, ao som da harpa, dedilhada por ele próprio?

Crie-se uma literatura que deixe de ser a arte pela arte, para construir sobretudo. O que se tem feito é demolir. Quando teremos nós penas como as de Barget, Bordeaux, Bazin e Barrès?

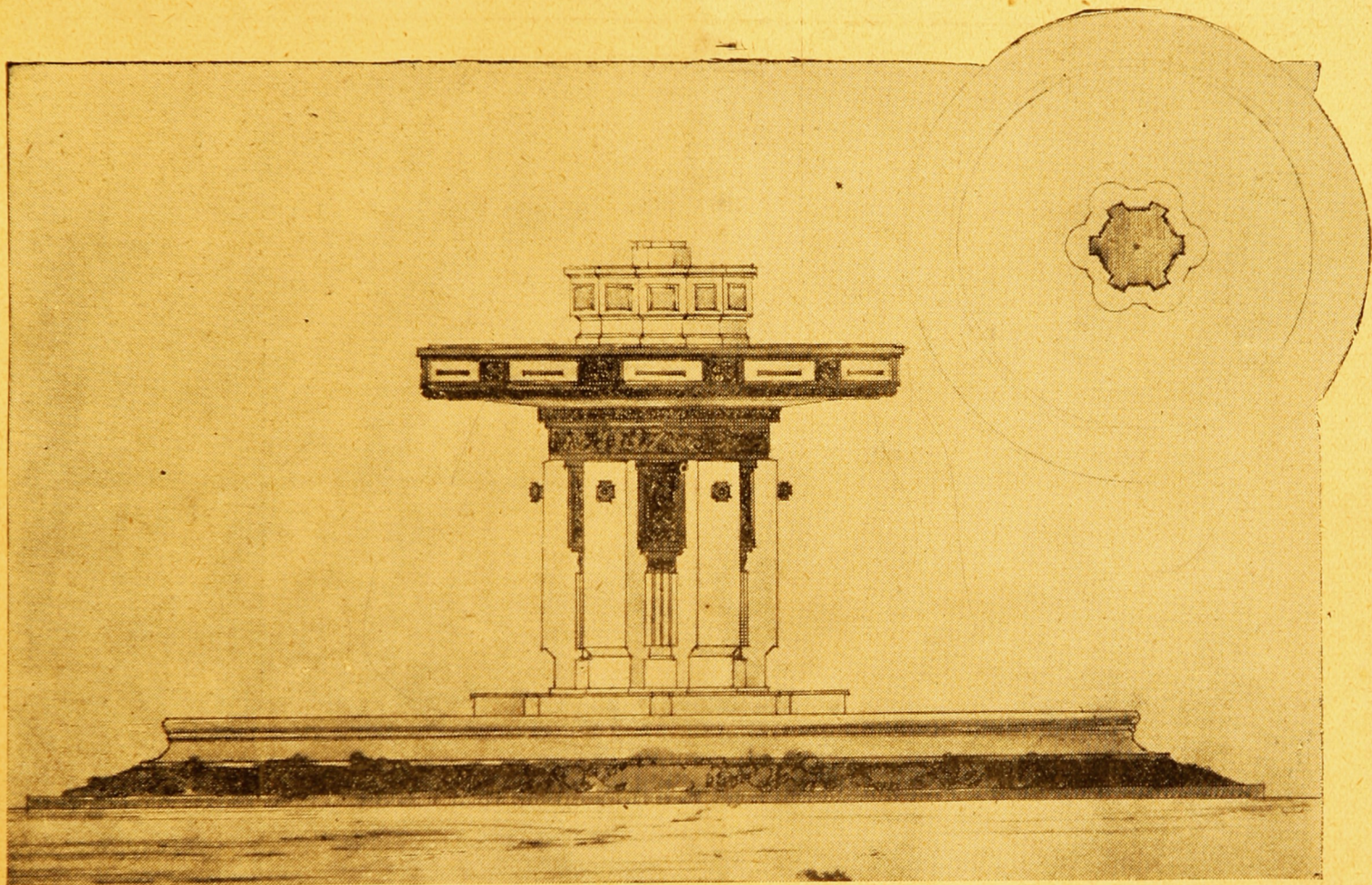
Iniciem-se conferências em que se elucide o auditório sobre Religião. Neste ponto, até entre muita gente que é culta, a ignorância é lastimável. Há quem se ria da simplicidade da cartilha precisamente por ser impotente para chegar a compreendê-la!

Muita acção católica, inteligentemente

dirigida, é o que se impõe: É justo dizer que alguma coisa se tem feito. Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo Primaz tem sido incansável na sua acção apostólica, donde há muito que esperar. Aqui lhe rendo despretenciosamente o meu preito de admiracão e respeito.

Só conjugando o progresso material com o progresso moral é que legitimamente progredimos, e se assim fizermos, fôra lícito dizermos, através do máximo progresso: Christus vivit, Christus vincit, Christus imperat.

ANTÓNIO MENEZES



BRAGA. — Projecto da fonte monumental no eixo das duas avenidas. — Vai ser remodelada completamente a Praça da República, em harmonia com as exigências do movimento urbano. No ponto de intersecção dos eixos das Avenidas convergentes, vai construir-se uma fonte de granito, marmore e bronze, segundo o plano que reproduzimos.

No ritmo da vida

universal

Cristo Reina, diz em Roma, o obelisco de porfiro que enfrenta a primeira e verdadeira cathedral romana S. Pedro no Vaticano. Lá, a desafiar a civilização antiga que talhou paciente esse obelisco nas margens do Nilo, como a moderna que perto ciranda na correria dos electricos que trepidam

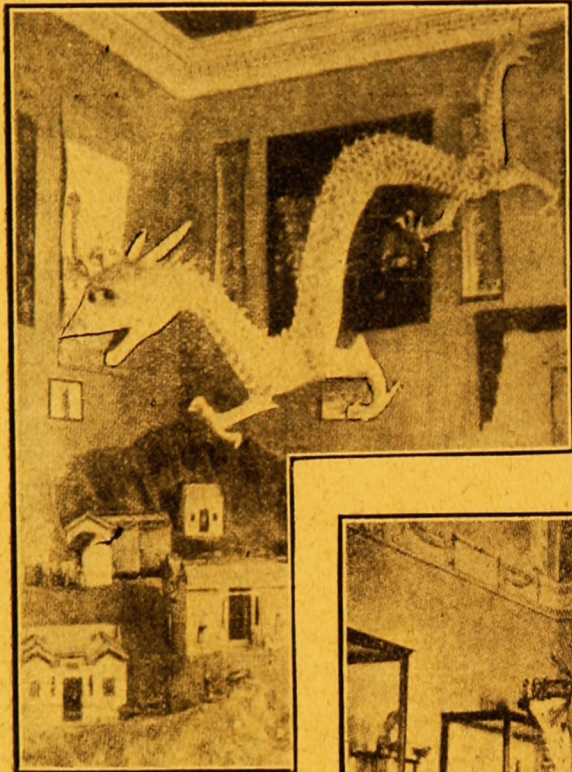
nas antigas vias da Rainha do Lacio, essa inscrição atesta os triunfos do passado, e os que o futuro reserva ao grande triunfador. De lá a copiou a nossa *Ilustração*. Cristo Vence, Cristo Reina, Cristo Impera.

E novo testemunho nos chega das margens do Tibre: a Exposição e Museu Missionario.

Foi, durante o Ano Santo de 1925, o facto mais saliente da vida de Roma, alem da inumeravel multidão de todos os povos e linguas que concorreram à

cidade rainha dos povos: — a Exposição Missionaria.

Mereceu a S. Santidade os maiores affectos; uma predilecção especial. Era o labor missionario a revelar-se em multidão de preciosidades etnograficas, artisticas, naturalistas. E S. Santidade



ROMA — Exposição missionaria. O dragão, simbolo chinez da felicidade.

manifestava por ela o maior interesse.

Mas o Ano Santo terminava. Porque não perpetuar, em Museu, os ensinamentos e a documentação desse certamen?

Inaugurou-se, pois, ha dias, junto à Basilica de Latrão o Museu das Missões, um conjunto de preciosidades universais. Reproduzindo alguns aspectos desse museu não quizemos olvidar uma representação plastica de arte mongol: o dragão que na civilização sinense é emblema de felicidade terrena. E ao reproduzi-lo não queremos deixar esquecer que foram portugueses quem primeiro velejando até aos mares da

China descobriram o simbolico dragão, e que um franciscano portuguez foi quem, antes que nenhum outro, entrando em Pequim, revelou aos mongois a grandeza daquele Rei imortal que eles, chamando-lhe embora misteriosamente *Tien*, o ceu-pessoal, adoravam ignoto, como os gregos.

*

Estão aprazadas umas regias boas: o principe herdeiro de Italia, Humberto de Saboia, vai casar com a princesa Maria da Belgica. Que seja prospera a união dos jovens principes, e que a princezinha belga, em cujas veias corre lidimo sangue portuguez, leve a felicidade ao regio esposo nos seus dedos de fada. E para bem de Italia e do mundo, outro melhor lhes

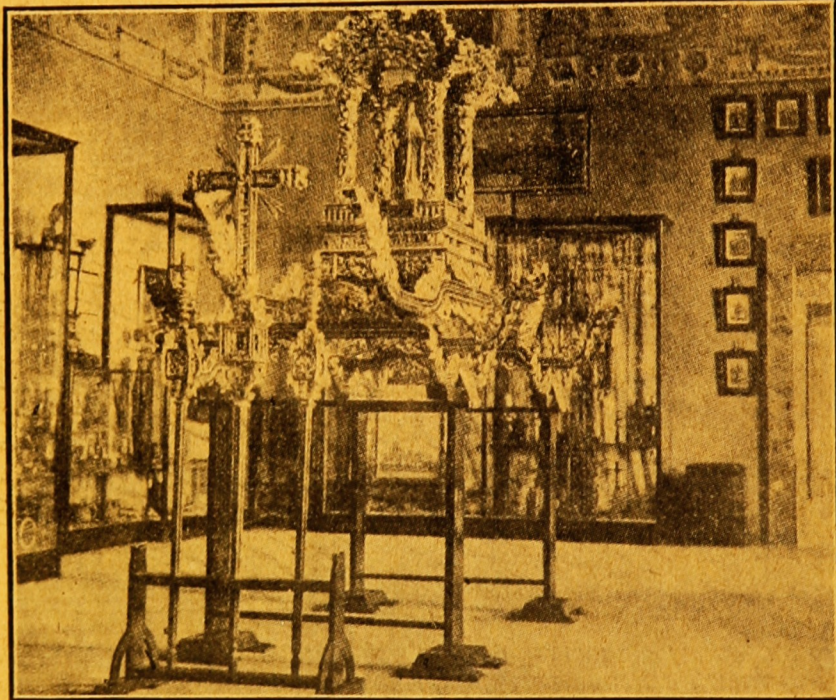
não desejamos, que — feitas as pazes com o Rei do Vaticano — podem entrar fieis filhos da Igreja, o adito sacratissimo da basilica do Apostolo.

*

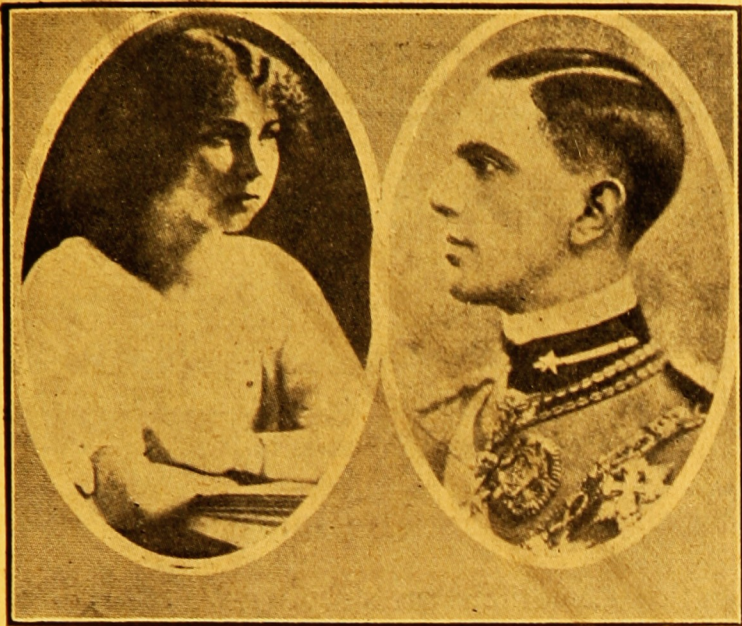
Se não é! Que o diga a magia e encanto de mil rincões portuguezes entre

os quais a região aveirense, as margens suaves do Vouga, tão meigas como as do nosso Minho! A região de Aveiro, e todo o plano influenciado pela sua ria é um dos muitos mimos da terra portuguesa, cheia de doce e terna melancolia. As suas canções tem uma suave musica, em que se dizia tremer o marulhar de vagas adormentadas já, a morrerem numa carícia...

Aquela branda saudade, um não sei que de esmorecimento místico, de embevecimento, que constitui a alma



ROMA — Um trecho do Museu Missionario do Palacio de Latrão



A princeza Maria José da Belgica, e o principe Humberto, duque de Saboia, herdeiro de Italia, que estão oficialmente noivos.

lusitana, parece que brindou a ria de Aveiro — que é mar já, o sonho da raça! e que é campo, a condição da terra! — com a perfumada essencia da patria.

E como um eco tambem, ao contemplar essas fotografias que nos ofertou, fidalgamente, uma fidalga generosidade, recordamos uma canção que há quatorze annos escutamos ali:

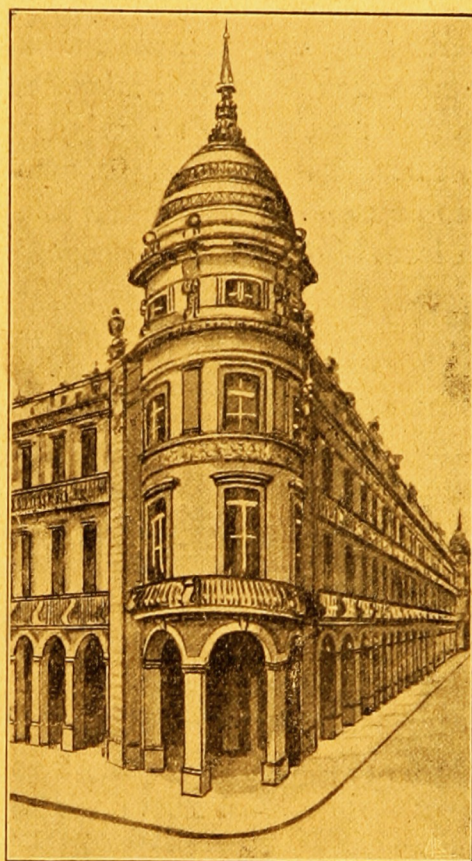


BRAGA — O edificio em construção para se installarem nele algumas repartições dependentes do Ministerio do Comercio, Divisão de Estradas, Escola Industrial e Commercial, etc.

Timoneira, estás dormindo
Sob'la barca reclinada . . .
Ai, acorda que a manhã vem rindo
Nos braços da madrugada . . .

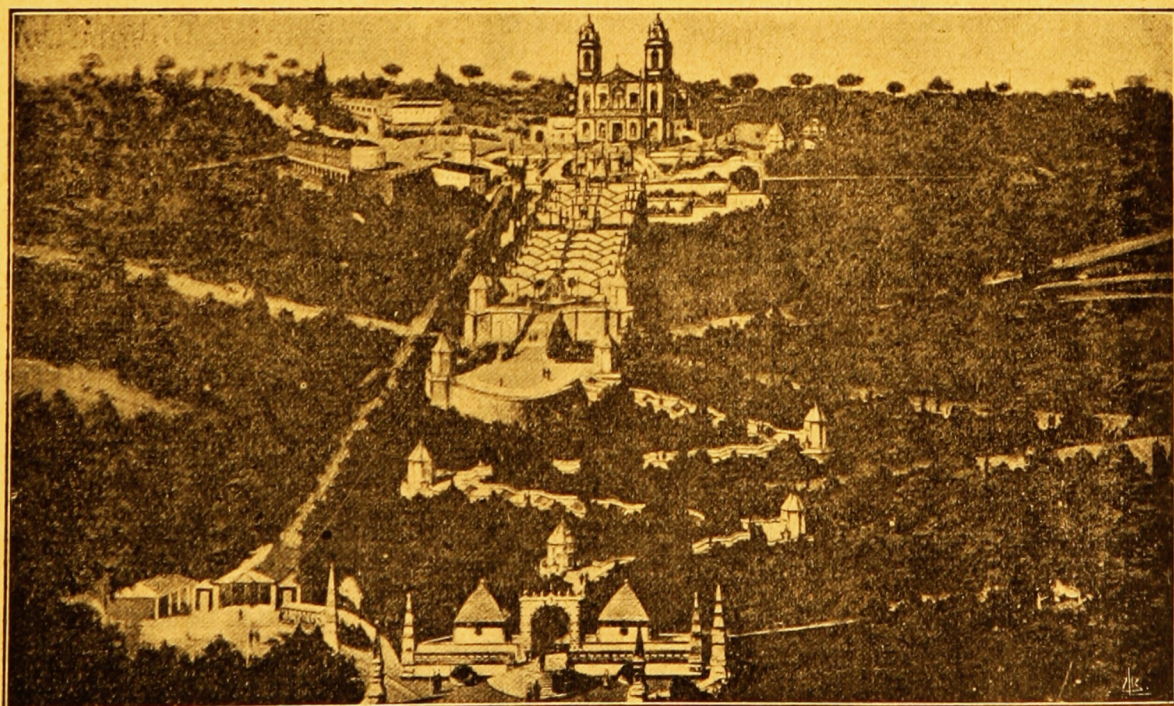
E vai para a ria de Aveiro, gentilissimo rincão portuguez a nossa final saudação:

Adeus, ó Farol da Barra
Adeus, ó Ria de Aveiro!



**BOM JESUS
DO MONTE**

*Importante
sanctuario e
formosa estancia
nos suburbios de
Braga, de gran-
deza artistica e
pitoresco incom-
paravel.*



Delicada reverencia

Roldão da Normandia se converteu à fé por persuasão de Carlos de França, e este lhe deu uma filha em casamento e por dote a Bretanha.

Os seus disseram a Roldão que prostrado em terra beijasse o pé ao rei de França, pela mercê recebida. Ele, porem, que tantas vezes vencera os franceses, não pode sofrer a humilhação, e chegado ao Rei que estava sentado numa cadeira, sem se abaixar lhe pegou do pé como que lho pretendia beijar, e assim levando-o à boca, deu com el-Rei de costas.

Canto matinal

Os franceses, ou gauleses, se rebelaram, despertando Nero que vivia então em frouxidão muito censurada e foi posto este pasquim.

A ti cantando os galos despertaram.

Citação a proposito

Ia certo doutor defender sua tese em Salamanca e foi avisado dos arguentes que eram dos mais eruditos do tempo: os doutores Aspe e Basilio, Frei Luís de Leão e doutor Mondragon.

Conto com tal victoria, disse, que com o favor de Deus hei-de cantar: *Super Aspiden et Basiliscum ambulabis, e conculcabis Leonem et Draconem.*

Bem servida estava!

O cinico Demonax foi acusado de que não sacrificava à deusa Minerva, e defendeu-se: — Por certo cuidava eu que Minerva passava bem sem os meus sacrificios!

Reinar e reger

Estratonico, citarista notavel, discutia acerca de musica com o Rei Ptolomeu. E como este se mostrasse nimiamente teimoso no seu criterio, lhe disse o artista: — Adverte, bom rei, que uma coisa é o scetro e outra o plectro.

Militar e coxo

Ia Androclidas à guerra, e era coxo. E por esse motivo lhe perguntaram porque ia, podendo escusar-se. E ele respondeu: Não vedes que assim não poderei fugir?

Um ninho celebrizado

Como fizessem ninho umas pombas no capacete de um soldado, disse Petronio lindamente:

*Fizeram ninho as pombas com tal arte,
Que mostram ser a deusa de Citera
Amiga sempre do garboso Marte.*

A formosura passa

Era Lais a dama mais formosa que celebrou Corinto. E vendo-se ao espelho, demudada pelos anos, tão sentida ficou que o partiu; aumentando, porem, a pena, pois cada pedaço, novo espelho, lhe proclamava a verdade da mudança. Ao que disse Falconio:

*Lais, sendo velhinha, parte o espelho
Que já não diz antiga formosura:
Pobre! que reproduz do rosto velho
Em mil imagens, tetrica figura.*

Dize-me com quem andas...

Luís XI de França nomeou para o seu parlamento a certo indouto; scandalizados os seus pares, não o queriam receber e então lhes disse o rei: — Pois um congresso de tantos sabios não bastará a ilustrar um ignorante?

Mudanças de conceito

Cicero louvara grandemente Mario Crasso, e dias volvidos no mesmo logar em que o defendera o infamou com violencia. Perguntaram-lhe então: Não é este, porventura, aquele que ha dias tanto louvaste? Cicero volveu: — Assim é, mas eu o fiz para fazer tão somente gala do meu engenho.